

## **Pobreza e Exclusão Social: Uma reflexão sobre Sociedade, Ética e Negócio**

Por Josean da Silva<sup>1</sup>

Fecha de recepción: Marzo de 2018

Fecha de aceptación: Abril de 2018

### **Resumo**

Embora a relação entre pobreza e exclusão social seja o fulcro de uma discussão recorrente nas ciências sociais, sobretudo na América Latina, a curiosidade epistemológica ligada ao tema é extremamente polissêmica e este trabalho explora evidências da construção de uma teia de símbolos que orquestra a conferência da realidade social hodierna para a qual o pragmatismo utópico de uma ética questionável se mostra mais perverso que messiânico no mundo dos negócios.

A proposta da reflexão em questão toma como base teórica as curiosidades epistemológicas flagradas por pensadores tais Cardina (2014), Campos (2013), Soeiro e Campos (2014), Monteiro (2014), Neves (2014), Byung-ChulHan (2016), Faleiros (2007), Bolaños (2012), Maleane e Suaiden (2018), Sposati (2018), Cohen (2006) e outros.

### **Palavras-chave**

Pobreza; Exclusão Social; Sociedade; Ética; Negócio

---

<sup>1</sup> Mestre em Serviço Social na linha de Políticas Sociais pela Universidade Federal da Paraíba; Ele é formado em Pedagogia e Tecnólogo em Agroindústria. Por 10 anos ele pesquisa e escreve sobre Pobreza e Exclusão Social na América Latina. Destacou-se como pesquisador, atuou em diversas escolas públicas e privadas, lecionando, entre outras, as disciplinas de Filosofia, Sociologia Jurídica, Antropologia Legal e Políticas Públicas. Atualmente, é professor efetivo da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central de Pernambuco e Auditor Ambiental do TdA em Tratamento de Água, empresa com a qual atua há 15 anos. E-mail de contato: joseandasilva@yahoo.com.br

## Resumen

Aunque la relación entre pobreza y exclusión social es el fulcro de una discusión recurrente en las ciencias sociales, sobre todo en América Latina, la curiosidad epistemológica ligada al tema es extremadamente polisémica y este trabajo explora evidencias de la construcción de una red de símbolos que orquesta la conferencia de la conferencia realidad social actual para la cual el pragmatismo utópico de una ética cuestionable se muestra más perverso que mesiánico en el mundo de los negocios.

La propuesta de la reflexión en cuestión toma como base teórica las curiosidades epistemológicas flagradas por pensadores tais Soeiro e Campos (2014), Monteiro (2014), Cardina (2014), Campos (2013), Neves (2014), Byung-ChulHan (2016), Faleiros (2007), Bolaños (2012), Maleane e Suaiden(2018), Sposati (2018), Cohen (2006) y otros.

## Palabras clave

Pobreza; Exclusión Social; Sociedad; Ética; Negocio

## Abstract

Although the relationship between poverty and social exclusion is at the heart of a recurrent discussion in the social sciences, especially in Latin America, epistemological curiosity related to the subject is extremely polysemic and this work explores evidence of the construction of a web of symbols that orchestrates the today's social reality for which the utopian pragmatism of questionable ethics appears more perverse than messianic in the business world.

The proposal of the reflection in question takes as theoretical basis the epistemological curiosities caught up by thinkers such as Cardina (2014), Campos (2013), Soeiro e Campos (2014), Monteiro (2014), Neves (2014), Byung-ChulHan (2016), Faleiros (2007), Bolaños (2012), Maleane e Suaiden (2018), Sposati (2018), Cohen (2006) and others.

## **Keywords**

Poverty; Social Exclusion; Society; Ethic; Business

## **Introdução**

A relação entre a pobreza e a exclusão social não é novidade. Sobre isso há muito planejado, pesquisado, discutido e registrado em documentos oficiais e extraoficiais à nossa disposição. Quem sabe isso justifique o fato de, nas linhas que se seguem, haver breves reincidências de uma reflexão que é tão polissêmica quanto presente nas mais diversas áreas do conhecimento humano. O que se espera então de um texto como este? Se muito já se elaborou neste campo, o que pode nos atrair aqui? O que, de novo, encontraremos no antigo tão experimentado? O que se pode pretender galgar ao pensar sobre o dantes pensado?

A professora Célia Linhares (2001), nos dá uma dica para esta questão quando propõe que uma das razões do fascínio exercido pela elaboração do pensamento, neste tempo em que nos é dado viver, é que vamos abdicando da definição ou descobrimento de verdades absolutas e nos abrindo às provocações da história.

Aqui reside o ensejo da dialética deste breve trabalho – procurar abdicando, conhecer redefinindo e abraçar se provocando, tomando como unidade de análise a sociedade de nosso tempo e sua articulação com a ética e o mundo dos negócios. Neste sentido fica evidente nas linhas que seguem que definir conceitos nas esferas da sociedade, ética e negócio de modo coerente, exige escolher os procedimentos de fundamentação adequados que subsidiem um “resultado de análise sensata e cuidadosa de cada realidade social específica” (Rocha, 2000, p.10).

Assim, a proposta da reflexão em questão toma como base teórica as curiosidades epistemológicas flagradas por pensadores tais Cardina (2014), Campos (2013), Soeiro e Campos

(2014), Monteiro (2014), Neves (2014), Byung-ChulHan (2016), Faleiros (2007), Bolaños (2012), Maleane e Suaiden (2018), Sposati (2018), Cohen (2006) e outros.

À luz do exposto é possível perceber a construção de uma teia de símbolos que orchestra a conferência da realidade social hodierna para a qual o pragmatismo utópico de uma ética questionável se mostra mais perverso que messiânico no mundo dos negócios.

### **Fundamentos para a discussão**

Segundo Sônia Rocha (2000), “Pobreza é um fenômeno complexo, podendo ser definido de forma genérica como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada” (p.9). Na visão de Cardina (2014), esta definição conota uma noção “ampla” e “vaga” da questão.

Para minimizar essa problemática revelada nos termos, exige-se que as especificidades estejam claras, isto é, que as “necessidades” sobre as quais nos referimos como bases constitutivas do fenômeno da pauperização sejam essencialmente colocadas à mostra em boa resolução. Isto possivelmente a apresentará menos distante de uma cartesiana precisão; dito de outra maneira, definir quais são as necessidades é estabelecer o grau de qualidade da compreensão da natureza do objeto aqui estudo.

A avidez em tentar discutir tal objeto no campo das ciências empresariais e sociais, como diria Monteiro (2014), deve ser nutrida com a habilidade de responder pela mensuração adequada dos problemas da “questão social”. Oportuno, inclusive, destacar que a expressão “questão social” é tomada de forma muito genérica, “embora seja usada para definir uma particularidade profissional” (Faleiros, 2007, p. 37) e isso, de modo comprometido com uma grande massa que sofre a “privação de capacidades” (Sen, 2000), no mundo dos negócios; privação esta somada às consequências de um capitalismo tardio que, quando não exclui, dita o modo de estar no mundo; na maioria das vezes desfazendo a possibilidade de uma vida ativa na sociedade, como postula Byung-ChulHan (2016), ocorre um fenômeno a partir do qual o sujeito é encravado na comunidade, e, sofre uma exaustão da alma; tão intensa que o condena a uma fadiga solitária.

Nesta trama, o patronato, representante das empresas, acaba por sustentar uma posição de retórica em detrimento à falta de zelo pela equipe laboral, evidenciando a necessidade de um modelo ético que ultrapasse os limites da simples gestão de pessoas, como sugere (Bolaños, 2007).

É neste panorama que, para Maleane e Suaiden (2018), entre a sociedade e mundo dos negócios – cenário da pobreza e da exclusão – há de se avaliara ética de um dos mais importantes reguladores do bem estar social, a saber: o próprio Estado. Para Neves (2014), a maneira de ser e de se portar do Estado desenha e define a estrutura que deve dar suporte e salvaguardar às vítimas da pobreza e, em cascata, da exclusão social.

Neste sentido, aduz Sposati (2018) que é respeitável acentuar um problema ético: o Estado é a um só tempo tanto o sujeito da acumulação, quanto agente da distribuição de rendas públicas, uma vez que atua diretamente no setor produtivo estatal e indiretamente através dos fundos públicos.

Destarte, podemos dizer que no discurso está presente a proclamação do direito; no pragmatismo, entretanto, o amargor da ilusão. A verdade é que o Estado, abaixo da proteção da subjetividade do direito público, deve promover os meios para a concretização de um “bem estar social”, como aludiu Norberto Bobbio (1992), “uma coisa é proclamar esse direito, outra é desfrutá-lo efetivamente” (p.10).

Para o autor, não são os fundamentos dos direitos que precisam ser assegurados, mas, a concretização destes; isto é, na prática reside a importância do direito. Como ele mesmo complementa: “... o importante não é fundamentar os direitos do homem, mas protegê-los”. (Bobbio, 1992, p. 37).

## **Necessidades básicas, Trabalho inautêntico e Exclusão Social**

É a partir daquilo que se compreende por necessidades básicas que se constroem as mais diversas concepções sobre a pobreza e a exclusão social. E como indica Sônia Rocha (2000), “... as necessidades mais básicas são, sem dúvida, aquelas relacionadas à sobrevivência física das pessoas: fome e a desnutrição” (p. 19).

Neste sentido é imperativo que consideremos que as necessidades básicas devem nomear os indicadores que determinarão a situação do grupo em estudo e para tanto devem ser contextualizadas a cada realidade social. O “*status quo*” de um determinado grupo social deve ter considerado o plano de fundo daquilo que se estimará como subjetividade do grupo-objeto; levando em consideração elementos como a língua de origem já que esta, definitivamente, interfere na leitura da identidade dos indivíduos estudados, importância acentuada pela Dra.

Mirta Cohen (2006) ao escrever sobre a relação entre a identidade, a subjetividade e a língua de origem. Desta maneira é importante que as necessidades básicas sejam tomadas na leitura, a partir da realidade de cada grupo social tendo a pobreza e a exclusão social dimensionamentos contextualizados revelando processos sociais em andamento. Como diz R. Castel (1998), “falar sobre exclusão conduz a automatizar situações-limite que só têm sentido quando colocadas num processo” (p. 19).

Para Campos (2013), a questão da exclusão deve ser concebida como fazendo parte integrante da dita “questão social”, resultante de um cotidiano alimentado pela contradição entre patronato e laboral tendo seu lugar reservado no cotidiano das relações sociais, que por sua vez guardam as necessidades básicas por excelência. Soeiro e Campos (2014) proclamam: Ninguém nasce excluído! De acordo com a intervenção dos autores, em algum lugar e momento da história de um povo surge a necessidade de suprimentos para alguns em detrimento a riquezas de outros. Se a exclusão é o resultado de uma trajetória, tal fluxo é pontado por indigências. Por isso necessidades básicas e exclusão são duas realidades quase que unívocas.

Uma questão relevante para pontuar é que a discussão da exclusão social pode ter como origem as transformações que ocorreram no processo de produção em nível mundial; sobretudo ao que diz respeito às transformações tecnológicas, nas mudanças de mercado de trabalho, bem como nas mudanças de papéis assumidos pelo Estado e pela sociedade contemporânea.

O impacto dessas mudanças trouxe graves decorrências; dentre elas, a redução da demanda de mão-de-obra com a flexibilização das relações de trabalho e conseqüente perda das garantias de estabilidade, o que em última instância, objetivamente, ameaçou as garantias sociais – que, em tese, existem para compensar as necessidades básicas – dantes preservadas pela ação do Estado.

Existe uma questão, contudo, que ultrapassa as fronteiras da objetividade supracitada. Há algo de muito subjetivo no projeto de vida e ideação de trabalhadores. Para a Dra. Izabel Jáuregui (2005), a existência do homem pode ser definida quando este constrói seus ideais usando suas aptidões e recursos num esforço de auto realização ao manter um relacionamento com seu trabalho, adaptando-se criativamente a este; A esse processo a autora dá o nome de “projeto autêntico de vida profissional”.

Na perspectiva deste artigo, outro elo entre trabalho e exclusão, também assinalado por Jáuregui (2005), são os fatores inerentes à experiência de sofrimento e estresse no trabalho. Segundo a autora (2005), a “síndrome de Burn Out” é proveniente do excesso de demandas e pressões trabalhistas que, dentre outras implicações excluem socialmente os trabalhadores por ela afetados, em resposta ao desgaste emocional e físico.

Assim, embora a falta de trabalho seja a principal responsável da exclusão social na sociedade contemporânea, não é a única; uma forma de exclusão com todas as decorrências comunais desta podem ser percebidas no avesso do exposto, isto é, uma espécie de sabotagem patrocinada por um projeto de vida de trabalho inautêntico subsidiado pela inadaptação ou sobreposição que, de certa maneira gera exclusão social de quem a esta se submete.

Nestes moldes é possível que alguém esteja empregado e, subjetivamente excluído da sociedade e, como resposta a isso, vivendo uma versão da pobreza subliminarmente insinuada nesta reflexão.

## **Conclusão**

Uma conclusão possível, para esta reflexão, contempla a pertinência do objeto de estudo “pobreza e exclusão social” ao interpretá-lo no contexto do trinômio “sociedade, ética e negócio”. Assim, este trabalho destacou o valor da mensuração adequada dos problemas da “questão social”, particularmente, no âmbito do trabalho e suas nuances, e desta forma, propôs contextualizar os indicadores às realidades sociais do grupo estudado, concluindo que, para cada tempo, há uma realidade própria de uma dada sociedade.

Este estudo considerou ainda que a privação de capacidades somada às sequelas do capitalismo tardio de nosso tempo se mostrou um exemplo de como a exclusão social pode adensar a pobreza numa sociedade que desconsidera a ética em detrimento ao valor do lucro no mundo dos negócios; e que, quando isso não gera exclusão objetivamente, o faz subjetivamente ao lançar seus trabalhadores numa vida social passiva e condenada a uma fadiga solitária, tendo, por vezes, o Estado como cúmplice ao não garantir os direitos trabalhistas proclamados por ele mesmo.

Por fim, neste mesmo sentido, este ensaio conclui que embora a exclusão social e a pobreza tenham seu epicentro nas transformações do mundo do trabalho, isto não necessariamente diz respeito apenas à falta de emprego.

A falta de adaptação nutrida por experiências de sofrimento e pressões trabalhistas, inerentes ao tempo em que nos é dado viver, também acarreta uma inclusão no mundo dos excluídos; De modo que os indivíduos podem estar empregados, inclusive formalmente, e ainda assim viverem o drama da exclusão como resultado da falta de um projeto autêntico de vida profissional.

## **Bibliografia de referência**

Bobbio, N. (1992). *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus.

Bolaños, H. (2012). *Del dicho al hecho*. Temas Grupo Editorial Sri.

Burzstyn, M. (2002). *No meio da rua*. Rio de Janeiro: Garamond

Campos, A. (2013). *Trabalho, Qualificação, Poder e Precariedade: Uma abordagem dinâmica à estruturação dos modelos produtivos, a partir de um estudo de caso da profissão científica*. Sociologia, XXV, pp. 11- 32

Cardina, M. (2014). *A filosofia da esperança de Ernst Bloch*. In Unipop (Ed.). *Pensamento Crítico Contemporâneo*, 70, pp. 88-100. Lisboa: Edições

Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes

Cohen, M. (2006). *Identidad, Subjectividad y lengua de origen*. Buenos Aires: El signo

Faleiros, V. de P. (2007). *Estratégias em Serviço Social*. São Paulo: Cortez

Linhares, C. (2001). *Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional*. MS: Ed. UFMS

Maleane, S. M. O. T.; Suaiden, E. J. *Inclusão, exclusão social e pobreza em moçambique em pleno século XXI*. Recuperado de <http://www.brapci.inf.br/v/a/22438>

Monteiro, B. (2014). *Frágil como o Mundo. Etnografia do Quotidiano operário*. Porto: Afrontamento

Neves, J. (2014). Antonio Negri, *genealogia e possibilidades do comum*. In Unipop (Ed.). *Pensamento Crítico Contemporâneo*, 70. Lisboa: Edições

Pérez Jauregui, I. (2005). *Estrés laboral y síndrome de Burn-out: sufrimiento y sinsentido en el trabajo estrategias para abordarlos*. Buenos Aires: Psicoteca

Rocha, S. (2000). *Pobreza e desigualdades no Brasil: o esgotamento dos efeitos do Plano Real*. Rio de Janeiro: Ipea.

Soeiro, J. e Campos, A. (Abril 2014). *O "empreendedorismo como política pública? Apropriações e narrativas no campo político e institucional"*. In Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia. 14-16. Évora.

Sem, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das letras

Sposati, A. (s.f.). *Exclusão social abaixo da linha do Equador*. Recuperado de <http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/exclusao.pdf>